

# Da Cosmopercepção ao Mulherismo: a poética afro-moçambicana em “*Cães à estrada e poetas à morgue*”, de Deusa d’ África

Sávio Roberto Fonsêca de Freitas\*

## Resumo

Nossa proposta é desenvolver uma análise do livro *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022), da escritora moçambicana Deusa d’África. Para fundamentar nossas reflexões sobre o referido corpus, vamos nos ancorar nos posicionamentos críticos de Paulina Chiziane (2013) sobre escrita moçambicana de autoria feminina, de Clenora Hudson-Weems (2020) sobre mulherismo Africana e de Oyeronké Oyewumi (2021) sobre cosmopercepção. A poesia da escritora moçambicana Deusa D’África mostra um exercício *continuum* do projeto de moçambicanidade a partir de um discurso que se organiza no feminino no sentido de territorializar uma produção literária que, fora de Maputo, ecoa ao ritmo do xitende e dissemina um mulherismo afro-moçambicano cuja agenda de discussão se volta para a condição da mulher. Para o desenvolvimento da discussão, vamos nos ater à análise dos poemas “A língua da mulher”, “A costureira” e “Querida Disney”.

Palavras-chave: cosmopercepção; mulherismo afro-moçambicano; Deusa d’África

---

\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Associado 3 de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV-Mamanguape) e do PPGL-UFPB(Campus I-João Pessoa). Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (2006). Doutor no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, Campus I - CCHLA, João Pessoa, na área Literatura e Cultura, linha de pesquisa Memória e Produção Cultural. <https://orcid.org/0000-0001-7541-3377>

# From Cosmosense to Womanism: Afro-Mozambican poetics in *Cães à estrada e Poetas à morgue*, by Deusa d'África

## Abstract

Our proposal is to develop an analysis of the book *Cães à Estrada e poetas à Morgue* (2022), by the Mozambican writer Deusa d'África. To base our reflections on the aforementioned corpus, we will anchor ourselves in the critical positions of Paulina Chiziane (2013) on Mozambican writing by female authors, Clenora Hudson-Weems (2020) on African womanism and Oyeronké Oyewumi (2021) on cosmoperception. The poetry of the Mozambican writer Deusa D'África shows a continuous exercise of the project of Mozambicanity based on a discourse that is organized in the feminine in order to territorialize a literary production, which outside of Maputo, echoes to the rhythm of xitende and disseminates an Afro womanism -Mozambican whose discussion agenda focuses on the condition of women. To develop the discussion, we will focus on the analysis of the poems “A língua da mulher”, “A costureira” and “Querida Disney”.

Keywords: cosmoperception; afro-Mozambican Womanism; Goddess of Africa.

Recebido em 12/08/2024 / Aceito em 04/12/2024

## Considerações iniciais

O objetivo deste estudo é desenvolver uma análise do livro *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022), da escritora moçambicana Deusa d'África. Para fundamentar as análises vamos nos ancorar nos posicionamentos críticos de Paulina Chiziane (2014) sobre escrita moçambicana de autoria feminina, de Clenora Hudson-Weems (2020) sobre mulherismo Africana e de Oyeronké Oyewumi (2021) sobre cosmopercepção. A poesia da escritora moçambicana Deusa D'África mostra um exercício *continuum* do projeto de moçambicanidade a partir de um discurso que se organiza no feminino no sentido de territorializar uma produção literária que, fora do centro de Maputo, ecoa ao ritmo do xitende e dissemina um mulherismo afro-moçambicano cuja agenda de discussão se volta para a condição da mulher. Para o desenvolvimento da discussão, vamos nos ater à análise dos poemas “O violino de Sara”, “A língua da mulher” e “Querida Disney”.

A escolha da coletânea de poemas em questão se dá porque nos apresenta uma voz poética originária de uma cidade chamada Xai-Xai, inserida em um território fora da província de Maputo, cujo cenário literário é predominantemente marcado pela autoria masculina. A escrita de Deusa d'África é vista como um ato político encorajador para as jovens meninas que já militam contra os casamentos arranjados pelos pais, para os jovens poetas entusiasmados com a arte de escrever textos de criação e para os estudantes secundaristas, os quais se motivam para fazer, da literatura, um movimento de protesto e libertação.

É interessante recordar uma mesa redonda marcante que ocorreu em agosto de 2011, em Brasília, como parte do V

Seminário Internacional Mulher e Literatura, o qual homenageou escritoras africanas e afro-brasileiras. O tema em debate era “Palavra e Poder: representações literárias”. A mesa foi liderada pela Professora Laura Padilha (UFF) e pelas escritoras Odete Semedo (Guiné Bissau), Sónia Sultuane (Moçambique) e Vera Duarte (Cabo Verde). Todas as autoras destacaram as dificuldades de ser mulher e artista da palavra em seus países de origem. Ficou evidente, na altura, que o machismo continuava sendo um desafio para as mulheres nos países africanos de língua portuguesa. No entanto, houve um certo desconforto por parte das escritoras em se rotularem como feministas, o que surpreendeu muitos pesquisadores na época, já que a crítica feminista era o principal foco de reflexão do seminário.

Depois do referido evento, voltamos às nossas instituições de ensino com a reflexão a ser explorada sobre a resistência de algumas escritoras africanas à rotulagem de feministas. Assim, muito se refletiu sobre um feminismo africano, feminismo negro, femismo de quarta onda, manifestações de subversão feminina no continente africano, correntes de pensamento pós-coloniais, críticas africanistas feitas por mulheres, literatura de resistência feminina, vozes autorizadas, estudos subalternos; em outras palavras, a produção literária das mulheres africanas foi oferecendo caminhos para a formação de categorias que compõem o mapeamento literário dessas mulheres, em um constante estado de transformação epistemológica.

Durante a pandemia de COVID-19, muitos debates e conversas foram estimulados pelos encontros virtuais entre pesquisadores e escritores africanos. Essas interações buscaram questionar os posicionamentos eurocêntricos e colonizadores em relação à África, bem como discutir as perspectivas

epistemológicas da comunidade afro-brasileira. Em uma dessas ocasiões, especificamente na Live da Mauren, em 09/05/2020, ao abordar o tema da Religião e Áfricas, a poeta baiana Anajara Tavares nos chamou a atenção para considerar o conceito de “Mulherismo Africana”, com base nos estudos da professora norte-americana Clenora Hudson-Weems (2020), para quem

Embora muitas acadêmicas adotem o feminismo sem críticas (o conceito teórico estabelecido baseia-se na noção de que gênero é primário na luta das mulheres contra o sistema patriarcal), a maioria das mulheres Africana em geral não se identificam com o conceito em sua totalidade, e, portanto, não se veem como feministas. É certo que a priorização do empoderamento feminino e das questões de gênero pode ser justificável àquelas que não foram atormentadas pela impotência das diferenças étnicas; no entanto, certamente este não é o caso para as mulheres Africana. (Hudson-Weems, 2020, pp. 37-38)

Clenora Hudson-Weems (2020) introduziu, nos finais da década de 1980, o conceito conhecido como Mulherismo Africana. Esta ideologia é destinada a abranger todas as mulheres de ascendência africana. Sua base está na cultura africana e no afrocentrismo, focando nas vivências, batalhas, necessidades e vontades das mulheres da diáspora africana. Ao contrário do feminismo e do mulherismo de Alice Walker, o Mulherismo Africana destaca as realidades e injustiças sociais relacionadas à raça com maior ênfase. Esse movimento tem como objetivo central a África e, até em sua nomenclatura, a África é o ponto focal, refletindo a cosmopercepção africana (Oyëwùmí, 2021) como capacidade de dar nome à real existência das pautas das mulheres. O propósito de Clenora Hudson-Weems ao criar essa ideologia específica para mulheres africanas e afro-descendentes foi diferenciá-las das conquistas dos intelectuais africanos, do feminismo e do feminismo negro.

À medida que aprofundamos nossa leitura sobre o Mulherismo Africana (Hudson-Weems, 2020), passamos a compreender as posturas críticas de escritoras africanas em relação ao rótulo de feministas. A discussão abordada por autoras como Paulina Chiziane, Dina Salústio, Odete Semedo, entre outras, concentra-se nas especificidades dos países africanos, regiões onde a colonização gerou violências relacionadas a raça, classe e gênero. O Mulherismo Africana tem, como foco, a valorização da ancestralidade, o respeito à diversidade étnica e religiosa, questões como casamentos precoces, estrutura familiar, humanitarismo, democracia, direitos humanos, igualdade de gênero, poligamia, monogamia, aborto, fome, seca, invasões estrangeiras em regiões rurais, consciência ambiental, políticas parentais, ações afirmativas e inclusivas. Em suma, são temas políticos de extrema relevância para homens e mulheres que habitam o continente africano e para aqueles em diáspora africana.

Neste contexto, arriscamos afirmar que, na coletânea de poemas *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022), Deusa d’ África já antecipa uma voz poética mulherista potencializadora de temas relevantes ao reconhecimento de uma moçambicanidade que se faz no feminino e se amplifica a partir de uma cosmopercepção africana de mundo (Oyèwùmí Oyewumi, 2021, pp.69-70), a qual ativa sensações corporais em suas várias possibilidades de interpretação política para além das categorizações ainda essencialistas defendidas pelo feminismo ocidental.

O conceito de cosmopercepção, epistemologicamente pela socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí Oyeronké Oyewum (2021), nos permite dialogar situações moçambicanas concentradas na África. Sobre a literatura moçambicana de autoria feminina,

o conceito nos leva a discussões sobre: mulherismo afro-moçambicano, ancestralidades, filosofias africanas, e concepções de mundo pensadas a partir da sacralização da natureza. A cosmopercepção é uma epistemologia inclusiva de descrição de um modo de ver mundo aberto às múltiplas possibilidades de existência de matriz africana. A moçambicanidade, então, passa a ter uma relevância ímpar por parte das mulheres escritoras que apresentam Moçambique a partir de um olhar descolonizado e multifacetado, sendo cosmopercepção um princípio teórico cuja corporeidade se manifesta na linguagem literária a partir de todos os sentidos humanizadores.

Desse modo, *Cães à estrada e poetas morgue* (2022) é uma obra que nos permite discutir o Mulherismo Africana e seus efeitos cosmoperceptivos em relação ao feminismo ocidental. A voz poética nos leva a várias reflexões sobre amor, ódio, fome, seca, desenvolvimento social, a morte, a vida, a sobrevivência, as doenças, a guerra, a natureza humana, o meio ambiente, a política, a identidade, as religiões, a fé, a renúncia, a solidão, o humanitarismo, o companheirismo, o patriotismo, a poesia, a narrativa, a ficção, a literatura; todos os temas vinculados a modo africano mulherista de (re)conhecer Moçambique como um universo multifacetado na cena literária de língua portuguesa, que exercita uma luta contra o memoricídio (Duarte, 2002, p.16), o qual tem, como objetivo, apagar as memórias e a cultura de um povo que foi colonizado. Deusa d'África milita incansavelmente contra diversos memoricídios na província de Gaza. Ser mulher escritora negra moçambicana em um território dominado por homens que seguem a cartilha da ocidentalização de gênero é um caminho, no mínimo, espinhoso, uma vez que o sistema patriarcal vai

punir as mulheres que não se predispõem à subserviência doméstica comum em um território de dominação masculina.

## **Por que a literatura moçambicana ainda é espaço de combate?**

Os tempos de agora nos fazem pensar sobre como tantas manifestações do caos, a saber, pandemias, guerras, crimes ambientais, neocolonialismo invasor, novas ditaduras, feminicídios, racismos, homofobia, transfobia, negacionismos, necropolítica, vêm levando a humanidade a se (re)construir por meio de muitas desconstruções que nos levam a combater, resistir, sobreviver e, emergencialmente, criar estratégias plurais de agregação social e política humanitaristas. Mais uma vez, a literatura se torna o espaço de comunhão solidária para fazer refletir sobre o mundo escatológico que nos submetem a aceitar antidemocraticamente.

A literatura moçambicana contemporânea vem, por meio da produção literária de escritores e escritoras da geração século XXI, territorializando uma literariedade que faz emergir discussões tensionadas pelas mais diversas relações de raça, classe e gênero. A poesia combate de José Craveirinha (1922-2003) e Noémia de Sousa (1926-2002), nomes recorrentes para a sinalização de inspiração e respeito na poesia na contemporaneidade, por serem considerados o pai e mãe dos poetas na fase nacionalista da literatura moçambicana, é uma fonte precursora inesgotável. Estes poetas deram vida a vozes que, pela sinfonia dos tambores, evocavam a liberdade pelas tantas invasões feitas por uma colonização portuguesa e por uma cumplicidade traidora por parte dos moçambicanos.

Nasce emergencialmente uma fase neo-combate na literatura moçambicana. Esta fase surge para reivindicar o lugar de uma literatura de protesto estético e ideológico frente aos novos rumos de discussão que a arte vem tomando no mundo e, cada vez mais, hasteando uma bandeira de humanitarismo que une ativismos políticos, ativismos ambientais, feminismos, negritudes, movimentos LGBTQIA+, antropofagismos contemporâneos, escatologias, religiões, filosofias, antropologias, psicologias e várias maneiras de se discutir estratégias de sobrevivência diante de uma era apocalíptica, orientada pelo caos do existir.

Com base nestas colocações acima, a literatura moçambicana de autoria feminina não pode ser mais lida como uma produção isolada e acanhada, como nos tempos das lutas de libertação e da guerra civil, quando as mulheres eram muito mais invisíveis e violadas das mais diversas formas pelos colonizadores e pelo machismo moçambicano. Nesse sentido, a pauta da infância na literatura moçambicana aparece como uma preocupação no que tange à formação intelectual das crianças, as quais precisam entender as novas pautas de batalha de uma país que ainda convive com várias formas de exploração endógenas e exógenas. Buscar um equilíbrio na literatura se torna uma missão urgente:

Uma literatura equilibrada se desenha com a pluralidade de vozes dos seus escritores. A voz das mulheres não morreu, mesmo esmagada pelo peso das tradições, que encerram os seus doces acordes na solidão das cozinhas. Nem sucumbiu perante a tirania do patriarcado e das suas religiões fanáticas. Ela sobreviveu e se foi afirmando, com escritoras irreverentes, que quebraram o mito ao longo das gerações: foram elas a Clotilde Silva, Noémia de Sousa, Lília Momplé, Lina Magaia. Novas mulheres foram escrevendo, publicando como

gotas de água no oceano. O número de escritoras vem crescendo gradualmente, com mais pujança, provando ao mundo que a literatura feita por mulheres é uma linha contínua, essencial, não pode morrer, e nunca se deve calar. (Chiziane, 2014, p. 11-12)

O fragmento acima é retirado do prefácio intitulado *O canto do Futuro*, escrito por Paulina Chiziane para o livro *A voz das minhas entranhas* (2014), de Deusa d’África. Percebemos que a mãe dos escritores contemporâneos nos dá aqui vários subsídios para pensar sobre uma literatura feita por mulheres e, inevitavelmente, entrega-nos o projeto estético e ideológico que a mesma nomeia como o “canto do futuro”: uma literatura desenhada pela pluralidade de vozes; poética da sobrevivência; escrita irreverente; e uma literatura feita pelas novas mulheres. Nesse projeto, encontramos a escritora Dércia Sara Feliciano Tinguisse, conhecida na roda das escritoras moçambicanas como Deusa D’África e nascida em Xai-Xai, província de Gaza, aos 05 de Julho de 1988. É mestre em Contabilidade e Auditoria e, atualmente, é professora na Universidade Pedagógica e na Universidade Politécnica, em Moçambique. É Coordenadora Geral da Associação Cultural Xitende, é palestrante, ativista cultural, promotora do direito à leitura e mentora do projeto Círculo de leitores. É colunista do Jornal *Correio da Palavra*, da revista portuguesa *InComunidade* e do Jornal Literário *Pirâmide*. É autora das obras *A Voz das Minhas Entranhas* (poesia), editado pelo Fundac em 2014; *Equidade no Reino Celestial* (romance) e *Ao Encontro da Vida ou da Morte* (poesia), pela Editora das Letras de Angola, em 2016.

Deusa d’África é líder do Grupo Xitende, o qual já pode ser considerado com um movimento de poesia de resistência cultural em Moçambique. Esse grupo se insere como um dos

maiores colaboradores para o entendimento do que é a fase neo-combate na literatura moçambicana. A poesia publicada por este grupo ainda é de difícil acesso no Brasil, o que nos chega é disponibilizado pela própria Deusa d'África, considerada pelos xitendes com a Rainha de Gaza e como madrinha dos poetas novos. Homens e mulheres que compõem este grupo realizam anualmente o Festival de Poesia de Xai-Xai, o qual reúne muitos novos escritores que ainda não possuem tanta visibilidade no país. Vale ressaltar que a atual gestão da AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) não vem dando a devida importância à produção destes escritores pelo fato de não fazerem parte de um seleto grupo que vive em Maputo. Nesse sentido, a fase neo-combate também tem, como objetivo, dar visibilidade aos escritores e às escritoras que são segregados e invisibilizados por questões políticas de classe e gênero.

### ***Cães à estrada e poetas ao morgue* e o impacto mulherista afro-moçambicano**

*Cães à estrada e poetas ao morgue* (2022) é uma coletânea em que podemos constatar o amadurecimento de um projeto estético e ideológico do mulherismo afro-moçambicano na literatura por parte da escritora Deusa d'África. Esta coletânea de poesias e micronarrativas poéticas funciona com um soco no peito do conservadorismo patriarcal moçambicano. A escritora traz à baila temas como: morte, fome, guerra civil, corrupção, sexo, pornografia, machismo, inconformismo social, militância, infância roubada, ingenuidade induzida, dentre outros que perturbam a mente do público leitor em relação ao caos natural da contemporaneidade:

A produção lírica desta poeta não é um acalanto que embevece o leitor; também não é uma expressão poética-amorosa que comove os mais sensíveis; tampouco é simplesmente um amontoado de palavras obtusas com pretensão artística. Nada disso: a poesia de Deusa d'África é um golpe de azagaia. Ela desosssega, perturba, rouba a paz, tira-nos a letargia. (Riambau, 2022, p.7)

Concordamos com posicionamento da pesquisadora Vanessa Riambau, quando categoriza a poesia de Deusa como um golpe de azagaia e nos encorajamos a acrescentar que ela faz dos versos combustível para inflamar a mente de quem recepciona a sua arte. Se há uma pretensão na voz poética da referida poeta é colocar em desconforto toda uma hipócrita estabilidade comportada do existir. Na esteira desse pensamento fica a questão de como a infância é pensada em seu rebento poético:

As crianças nas escolas aprendem a realizar trabalhos de pesquisa em pornografia, todos os manuais de consulta que procuram para os seus deveres de casa são pornográficos, os links visitados para pesquisa cibernética são também pornográficos. (D'África, 2022, p. 15)

O fragmento acima corresponde ao Prólogo homônimo ao título da coletânea. Fica então uma sugestão da escritora em relação a que propósito leva as crianças ao estudo, à investigação, à busca do conhecimento, ao aprimoramento da leitura, ao letramento crítico e literário. Sendo Moçambique um país ainda muito machista, notamos, por parte de Deusa, neste prólogo, uma preocupação com a educação primária e secundária das crianças, assim como também a educação doméstica. A pornografia, aberta nas páginas virtuais da internet, torna-se um vírus que ameaça o

estágio da doçura de ser criança: meninos e meninas começam a vida sexual muito cedo, por terem acesso muito precoce ao entendimento do corpo como um objeto de prática sexual sem sentimento e sem valores. Vejamos como essa preocupação aparece nos poemas a seguir.

### **O violino de Sara**

Cortaram os tendões do violino de Sara!

Artistas desta cidade são inoperantes  
não trabalham, não comem, mas tocam e cantam,  
sobre a canção do violino da Sara

Sara, menina apumada.  
Pai educado comprou o violino.  
Pai zeloso matriculou a Sara na escola portuguesa.

Sara não faz unhas em gel pra tocar violino  
Sara não usa perfume *Carolina Herrera*  
pra se juntar aos tocadores e aprender a tocar  
o seu violino  
com gente que cheira ao perfume de marca suor.

Sara não penteia seus longos cabelos  
que inundam o pente e os móveis de antipatia  
pra sorrir com tocadores de violino, gente que  
cheira a pobreza.

Cortaram os tendões do violino de Sara!

Artistas são vira-latas  
não levam jeito gratuito  
nem comprado pra nada.  
Não conhecem Drummond  
nem versos rasgados de Deusa d'África  
porque pai só recebe pra comprar arroz e óleo  
quando pode um *smartphone* e Go tv  
e não livros que causam tédio.  
Mas tocam, violinos que não compram.

Arrastaram o violino de Sara  
Tocaram a noite inteira em Magoanine.

Vizinho intolerante tolerou as unhas do tocador.  
Vizinho intolerante tolerou a música da *EDM*  
na rua sem lua de Magoanine  
pelas unhas com sol de tocador.

Toca e toca o violino sem parar  
não há tarifa nem licença pra impedir o espetáculo  
do violino  
porque todos pagam a crescente tarifa da  
electricidade lunar  
para que o violino toque alumando a cidade de medo.

Tocaram os tendões  
violino sangrou  
violino chorou  
violino gritou  
vizinho tentou acudir chamando a lei e ordem  
mas a lei e ordem não tem unhas pra tocar  
as unhas não tem esmalte para se exibir em  
espetáculos  
telefones para chamar a manicura não tem saldo  
nem tinta na esferográfica pra anuir a saída do  
pessoal ao espetáculo  
e parar as ondas do violino que toca sem parar  
em Magoanine.

A cidade chorou pela canção adentro.  
Os tendões cansaram de tocar e arreventaram.

Cortaram os tendões do violino de Sara!  
(D’África, 2022, pp. 22-23 – Grifos da autora)

O poema acima traz a menina Sara, que vive em um bairro periférico chamado Magoanine. O violino representa a ligação da menina com a poesia, com a arte, com a escola, com a vontade de se fazer notar em um território onde prevalece o machismo, a ignorância, a violência, a antipatia, a intolerância, o choro, a

lei, a ordem. O refrão “Cortaram os tendões do violino da Sara!” perpassa o poema como que uma nota destoada, que se configura como um desalinhamento musical do instrumento, mas também como uma azagaia afiando as possibilidades de interpretações camufladas nas entrelinhas dos versos. Sara é uma menina aprumada, que possui um pai educado e que a matrícula em uma escola portuguesa. Tais informações comprovam o colonialismo que envolve a estória que se canta no poema. O próprio violino já coloniza o verso, que se fratura com o corte dos tendões. O canto moçambicano não se alinha às notas clássicas do violino, muito pelo contrário, o corte dos tendões entoa um impacto muito mais próximo ao ritmo xitende em que se inserem *os versos rasgados de Deusa d’ África*. A educação portuguesa não corrompe a moçambicanidade de Sara, a qual não se alinha ao estereótipo de mulher eurocentrada, como se pode notar por meio do encadeamento dos versos “Sara não faz unhas de gel pra tocar violino/ Sara não usa perfume Carolina Herrera...”, ou seja, Sara não é uma menina economicamente privilegiada.

Ao insistir no corte dos tendões do violino, a poeta mostra que meninas não podem se deixar comprar, ou invadir, ou ser possuídas por uma sociedade que só privilegia artistas vira-latas. Através de Sara, Deusa marca seu território poético de militância e de humanização frente ao caos desumano em que se insere a sociedade moçambicana. Sara representa a criança pobre de periferia que pode se fazer notar por meio da arte. Fazer esta denúncia no poema é um ato mulherista. A menina Sara pode ser a personificação da escritora Deusa no poema, uma mulher que usa a poesia para chamar a atenção de uma coletividade feminina ainda refém de um machismo colonizante e destoante em relação ao tom do ritmo que se toca e se quer no poema.

O mulherismo afro-moçambicano entoa uma voz poética a se cosmoperceber e ativar o corpo feminino como um espaço de diálogo com o mundo.

### **A língua da mulher**

A mulher com a língua  
lambe o mundo inteiro  
até que se faça humano.

A mulher lambe a noite escura  
e limpa com saliva a sua fuligem  
com as mãos sobre a pele da noite  
esfrega o tecido epitelial até a lua se render  
ao labor e brio de tamanha limpeza com  
delicadeza.

A mulher lambe o bojo de todas as madrugadas  
na terra  
com seus estilhaços impregnados na pele  
fina do dia  
com saliva espumante transparece-se o rosto  
da manhã.

A mulher lambe o chão do lar e esfrega com  
língua de aço  
o soalho da velha casa como se os insectos não  
poisassem,  
ela lambe a terra adentrada na casa até dardejar  
a tijoleira impecavelmente.

A mulher lambe a ferida de seus filhos até sarar  
e cura todas as dores do mundo.

(D'África, 2022, p. 38)

Costumamos dizer que Deusa é uma nova Lina Magaia, só que trocou o fuzil pela palavra combate; é uma das poucas mulheres que tem um livro prefaciado pela escritora Paulina Chiziane. Vemos, nos versos da referida escritora, muito do tom erótico de outras mulheres moçambicanas, só que com um veneno feminino da transgressão.

A figura da mulher aparece aí associada a múltiplos papéis e dimensões: mãe, esposa, criança, heroína, amante, trabalhadora e prostituta, todas elas dando forma e vida a um vigoroso caleidoscópio social e humano, fruto das experiências e da imaginação criativa e irreverente do sujeito poético. (Noa, 2017, p.95)

Concordamos com o que diz o pesquisador moçambicano Francisco Noa (2017) sobre a irreverência do sujeito lírico feminino na poesia moçambicana, o que é basilar para se entender a voz envenenada de Deusa d'África. O título do poema acima citado já mostra toda a ousadia da poeta, "A língua da mulher", o qual pode despertar múltiplas interpretações. O verbo *lamber* dá uma conotação extremamente erótica ao poema, é "como se" a língua lambesse a folha em branco e as palavras tomassem forma por meio da liquidez da saliva. A boca, a voz e o corpo se misturam no poema por meio de uma performance de um beijo transgressor. "A mulher com sua língua/lambe o mundo inteiro/até que se faça o humano": estes versos mostram o mulherismo afro-moçambicano escancarado da voz poética: a língua que lambe o mundo pode ser a própria genitália feminina em estado de cosmopercepção, que com seus lábios absorve os embriões que gestam o mundo, o humano aqui se faz pela escatologia da palavra dominada pela língua da mulher. "A mulher lambe a noite escura": este verso sinaliza o domínio sobre os mistérios noturnos, a noite muitas vezes é o momento em que a mulher precisa estar pronta para servir, mas aqui a voz poética sugere o controle feminino sobre o desejo, tema que já se configura como um traço específico da escrita de Deusa d'África.

Um aspecto que não pode deixar de se mencionar neste poema é a repetição anafórica do verbo *lamber*, comprovando o movimento cosmoperceptivo da língua no poema, desde o primeiro

ao último verso: *lambe o mundo, lambe a noite, lambe o bojo das madrugadas, lambe o chão do lar, lambe a terra adentrada, lambe a ferida dos filhos*. Colocar a saliva é sacralizar a voz da ancestralidade, é se fazer reconhecer pelas sinestésias, como se pode notar neste verso “com saliva espumante transparece-se o rosto do amanhã”, ou seja, a saliva é o elemento genético que, neste poema, pode representar a hereditariedade poética moçambicana.

Os versos “A mulher lambe a ferida de seus filhos até sarar/ e cura todas as dores do mundo” trazem uma conotação de cura e libertação por meio da poesia. Logo, podemos dizer que Deusa d’ África não optou pela fuga do real em sua poesia (CHAVES, 2006, p. 139), reconhecendo que a força de sua palavra poética acolhe os caminhos gerados pela poesia que critica o seu tempo e sua terra.

Deusa d’ África é uma das vozes de mulher que mais ataca o território dos homens, e mesmo quando reivindica a territorialidade moçambicana, encontra espaço para escrever versos cortantes como a ponta de uma zagaia:

### Querida Disney

Princesas pretas têm oiro e tronos  
são belíssimos anjos de se ver em seus reinos  
tem amor humano no peito igual aos outros  
tem vida e roteiro digno de se contemplar  
tem dentes de luz que alumiam a noite  
tem estrelas enormes ao seu olhar angelical  
tem história, sorriso, vida e alma, também.  
No retoque da história carcomida pela censura  
matam reis e os reinados editando a história  
para remover os negros do que os pertence na  
alusão feita  
instigando a pequenada negra a reconhecer as  
princesas de outras cores.  
(D’ África, 2022, p. 56)

O poema cima traz o uso da poesia ao exercício da função da literatura infantil, de educar brincando, através da linguagem simples e acessível às crianças, divertir ensinando para que o bem prevaleça e se resignem do mal. As princesas negras representam um empoderamento feminino de reorganização do mundo para conviver com várias diversidades. O sorriso é trazido como uma terapia para a cura do mundo através de suas diversificadas cores, tais como a vida e a luz. É o sorriso como a luz que ilumina o planeta e comprimido para a alma humana, que nos abre as asas para que, através da paz que nos proporciona, possamos exercer o nosso voo que simboliza a nossa liberdade. A cura do mundo, através do sorriso, da verdade que deve prevalecer em todos os momentos da vida, da conquista de sonhos por via do empenho e trabalho, provocam uma leitura de mundo mulherista afro-moçambicana, antirracista, democrática e humanizadora.

### **Considerações nada últimas**

A análise dos poemas acima nos permite sinalizar que o mulherismo Africana de Clenora Hudson-Weems (2020) e as reflexões de Oyèrónké Oyěwùmí (2021) sobre cosmopercepção são epistemologias que possibilitam a consolidação da agenda da mulher africana, a qual é totalmente distinta da do feminismo ocidental, por conta da escancarada insistência na hierarquização de raça, classe e gênero. O contraste entre os diferentes tipos de feminismo e o mulherismo africana tem a ver com o fato de que o feminismo se concentra nas mulheres e no seu empoderamento; o mulherismo africana é uma agenda de empoderamento racial de matriz africana. Essa ideologia é construída nos seguintes princípios: auto-nomeação, autodefinição, centralização na

família, harmonia com os homens, plenitude, flexibilidade de papéis, adaptabilidade, autenticidade, irmandade genuína, compatibilidade masculina, reconhecimento, ambição, nutrição, força, respeito, etarismo, maternidade e ancestralidade.

Nesse sentido, *Cães à estrada e poetas ao morgue* é um divisor de águas para a produção literária de autoria feminina em Moçambique, principalmente pelo modo como a voz poética de Deusa d’África trata temas de extrema urgência para Moçambique, especificamente sobre as pautas das mulheres de Gaza. Ressaltamos aqui os poemas que tocam no tema do mulherismo afro-moçambicano e da cosmpercepção de mundo, mas vale dizer que a coletânea é realmente conduzida pelo lume da azagaia e pela força inflamável da poesia, ao ponto de nos fazer pensar sobre o caos em que o mundo se encontra. Os poetas declinam ao morgue e nos levam junto, fazendo crer que a palavra poética humanizadora que canta para o futuro é uma possibilidade emergente de nos reerguer com seres humanizados.

## Referências

CHAVES, Rita; Macedo, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

CHIZIANE, Paulina. *O canto do futuro*. In: D’África, Deusa. *A voz das minhas entranhas*. Maputo: Ciedima, 2014.

D’ÁFRICA, Deusa. *Cães à estrada e poetas à morgue*. Maputo: Alcance Editores, 2022.

DUARTE, Constância Lima. *Memorial do Memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.

HUDSON-WEEMS, Clenora. *Mulherismo Africana*. Tradução de Wanessa A.S.P. Yano. São Paulo: Editora Ananse, 2020.

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana*. São Paulo: Kapulana, 2017.

OYEWUMI, Oyeronke. *A invenção das mulheres*. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

RIAMBAU, Vanessa. *Poesia como azagaia: a poética-manifesto de Deusa d'África*. In: d'África, Deusa. *Cães à estrada e poetas ao morgue*. Maputo: Alcance Editores, 2022.